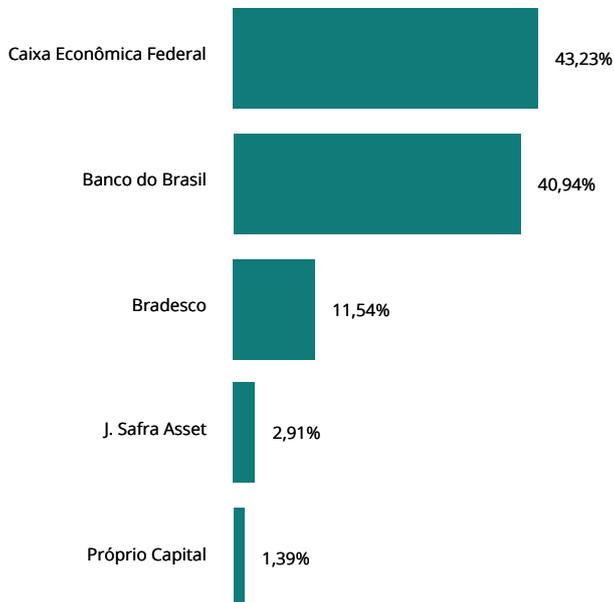


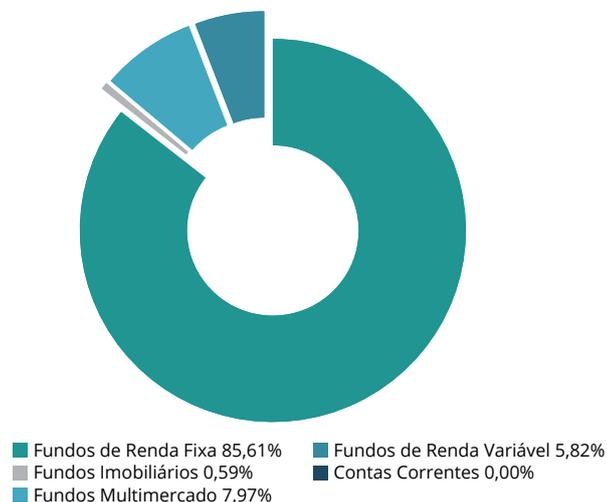
ANGEPREV

Os recursos do ANGEPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA



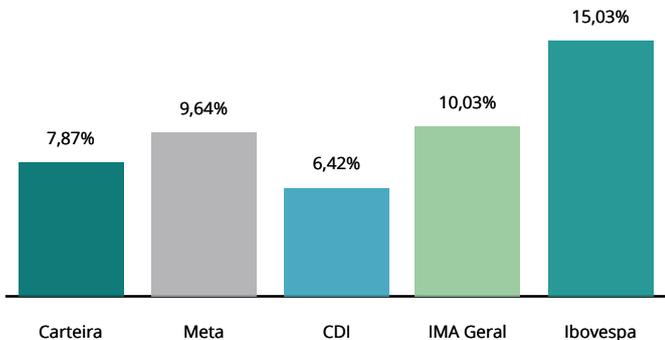
DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO



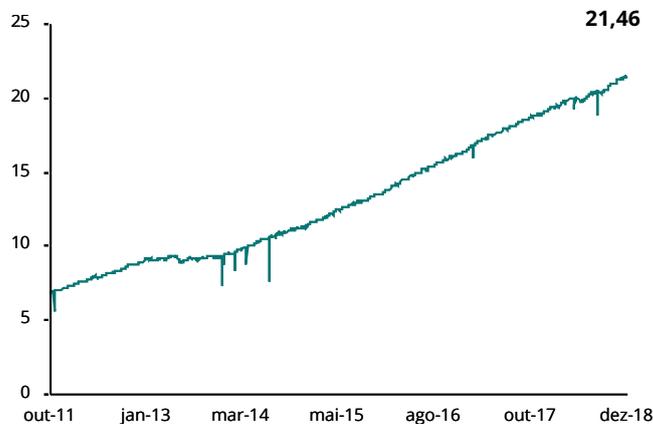
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
ANGEPREV	0,79%	7,87%	7,80%
META ATUARIAL INPC + 6 %	0,63%	9,64%	9,60%
CDI	0,49%	6,42%	6,40%
IMA GERAL	1,17%	10,03%	9,70%
IBOVESPA	-1,81%	15,03%	12,83%

CARTEIRA X INDICADORES EM 2018



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)



ANGEPREV

No cenário nacional, o mês de dezembro começou com Jair Bolsonaro afirmando que a reforma da previdência poderia ser encaminhada ao mercado de forma “fatiada”. Ainda, ele afirmou que não importava se a prioridade de pauta do governo no Congresso fosse as privatizações ou as reformas estruturais, como a da Previdência, pois, segundo ele, “a ordem dos fatores não altera o produto”. Até o final do mês nenhuma reforma ainda havia sido apresentada, e a pauta mais aguardada pelo novo governo ficou para 2019.

Ainda com relação à política, no mês de dezembro foi finalizada a composição de membros do primeiro escalão do governo. A advogada e pastora evangélica, Damares Alves, foi escolhida como ministra da pasta de Mulher, Família e Direitos Humanos. Ricardo Salles, ex-secretário do ex-governador paulista Geraldo Alckmin (PSDB), foi escolhido como Ministro do Meio Ambiente.

O mês terminou com o ministro Marco Aurélio Mello decidindo permitir a soltura de todos os presos condenados em segunda instância na Justiça. A decisão, que poderia beneficiar milhares de presos, entre eles o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi suspensa pelo presidente do STF, ministro Dias Toffoli. A decisão provisória de Toffoli terá validade até o dia 10 de abril de 2019, quando plenário do STF deve julgar novamente a questão da validade da prisão após o fim dos recursos na segunda instância.

Com relação aos índices de atividade econômica divulgados em dezembro, eles continuam mostrando uma lenta recuperação da economia. Para o mês de outubro, a produção industrial mostrou variação positiva de 0,2% quando comparada com o mês imediatamente anterior. O índice veio pior do que esperado pelo mercado, que previa um crescimento de 1,3%. Já em comparação com outubro de 2017, a expansão foi de 1,1%, também abaixo das expectativas de mercado (2,2%). No acumulado do ano, o crescimento é de 1,8%, enquanto que em 12 meses a expansão do setor é de 2,3%.

Já em relação ao comércio nacional, no mês de outubro o comércio varejista apresentou recuo de 0,4% em comparação com o mês imediatamente anterior, resultado que veio de acordo com o esperado pelo mercado. Em comparação com o mesmo mês do ano passado, a alta foi de 1,9%. Com isso, no acumulado do ano o setor apresenta avanço de 2,2%, enquanto que em 12 meses esse avanço é de 2,7%. No comércio varejista ampliado que inclui, além do varejo, as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, o volume de vendas recuou 0,2% em relação a setembro de 2018. O resultado veio abaixo das expectativas de mercado, que esperava alta de 0,4%. Com relação a outubro/2017 o crescimento foi de 6,2%. Por fim, ao incluir essas atividades a expansão foi de 5,3% no acumulado do ano, e de 5,7% nos últimos 12 meses.

O setor de serviços, por sua vez, acelerou 0,1% frente ao mês imediatamente anterior. Em comparação com outubro de 2017, a variação foi positiva em 1,5%. No acumulado do ano, o setor apresenta retração de 0,2% e em 12 meses essa queda é de 0,2%.

O índice de atividade econômica do Banco Central, IBC-Br, variou 0,02% em relação ao mês anterior. Em comparação com outubro do ano passado, o aumento foi de 2,99%. O acumulado do ano ficou em 1,40% e o acumulado em 12 meses em 1,54%.

Já com relação aos preços, o IGP-M, calculado pela FGV, teve queda de 1,08%, seguindo queda de 0,49% em novembro. A deflação ficou próxima do previsto, dado que o mercado esperava uma queda de 1,05%. O IPCA apresentou a menor taxa para o mês de dezembro desde a implantação do Plano Real, em 1994: o índice variou 0,15%, enquanto a taxa registrada em novembro foi de -0,21%. O resultado esperado pelo mercado era de 0,16%. Com isso, o índice oficial de inflação encerrou o ano de 2018 com 3,75% de variação, 0,80 p.p. acima dos 2,95% registrados em 2017.

Na política monetária, o Copom (Comitê de Política Monetária) manteve, por unanimidade, a taxa Selic em 6,5%, conforme o esperado pelo mercado. No comunicado, foi relatado que os indicadores recentes de atividade econômica continuam evidenciando recuperação gradual da economia brasileira.

O cenário externo, por sua vez, permanece desafiador para as economias emergentes, sendo os principais riscos a normalização das taxas de juros em algumas economias avançadas e as incertezas referentes ao comércio global. O comitê também avaliou que as medidas de inflação subjacente se encontram em níveis apropriados e confortáveis. Assim, de acordo com a entidade, a inflação deve caminhar em direção às metas de 2019 e 2020. A conjuntura com expectativas de inflação ancoradas, e o elevado grau de ociosidade na economia prescreve uma política monetária estimulativa.

No mês de dezembro o Banco Central também divulgou o relatório trimestral de inflação. No relatório, o BC revisou marginalmente a sua projeção para o crescimento do PIB deste ano, de 1,4% para 1,3%. Para o próximo ano, o BC manteve a sua projeção para o crescimento econômico em 2,4%. Já com relação à inflação, quatro modelos foram divulgados. No primeiro deles, utilizando a Selic constante a 6,5% e o câmbio constante em R\$ 3,85 as inflações projetadas são de

ANGEPREV

3,7% para 2018, 4,0% para 2019, 4% para 2020 e 4,1% para 2021. Já no segundo cenário, com a Selic e o Câmbio do Focus (Selic = 6,5% no final de 2018, 7,5% no final de 2019 e 8% no final de 2020 e 2021 / Câmbio = R\$ 3,78 no final de 2018, R\$ 3,80 no final de 2019 e de 2020 e R\$ 3,86 no final de 2021) as projeções de inflação indicam 3,7% em 2018, 3,9% em 2019, 3,6% em 2020 e 3,7% em 2021. No terceiro cenário, com a Selic do Focus (Selic = 6,5% no final de 2018, 7,5% no final de 2019 e 8% no final de 2020 e 2021) e o câmbio constante em R\$ 3,85, os resultados indicam inflação de 3,7% (2018), 4,0% (2019), 3,6% (2020 e 2021). Por fim, no cenário com a Selic constante em 6,5% e o câmbio projetado no Focus (R\$ 3,78 no final de 2018, R\$ 3,80 no final de 2019 e de 2020 e R\$ 3,86 no final de 2021) é esperada uma inflação de 3,7% (2018), 3,9% (2019), 4,0% (2020) e 4,2% (2021).

No mercado financeiro a bolsa fechou dezembro com 87.887 pontos, baixa de 1,81% em comparação com o fechamento do mês anterior. Com isso, o principal índice da B3, Ibovespa, entregou um rendimento de 15,03% no ano, com metade dos papéis que fazem parte dele encerrando com valorização superior a isso. O dólar comercial, por sua vez, fechou o mês com leve alta de 0,30% cotado a R\$ 3,87. No ano, a valorização foi de 17,13%.

No cenário Internacional, o mês iniciou com uma trégua na guerra comercial entre a China e os Estados Unidos. Os presidentes dos dois países concordaram em não aplicar tarifas adicionais em suas exportações. Com o acordo fechado durante o G-20, ocorrido durante o primeiro final de semana de dezembro na Argentina, os Estados Unidos suspenderam o aumento das tarifas para 25% sobre os US\$ 200 bilhões em bens chineses que entrariam em vigor em 1 de janeiro. Em contrapartida, a China se comprometeu a aumentar suas compras do mercado norte-americano de produtos agrícolas, energéticos e industriais. A pausa tinha duração prevista de 90 dias e, nesse período, a China e os Estados Unidos se comprometeram a tentar resolver suas divergências em novas negociações.

Ainda sobre os EUA, o Banco Central (Fed) aumentou a taxa de juros em sua última reunião (19/12), conforme o esperado pelo mercado. A aumento em 0,25 ponto percentual fez com que a taxa de juros ficasse entre 2,25% e 2,50%. Foi a quarta elevação do ano e a nona desde que iniciou o atual aperto monetário em dezembro de 2015, visando retirar os estímulos implementados para a economia reagir aos desdobramentos da crise financeira de 2008. No comunicado sobre a decisão, BC americano indicou seus próximos passos. A indicação era aguardada pelo mercado devido à recente volatilidade do mercado financeiros e os temores de recessão nos EUA e no Mundo. O Fed passou a prever um PIB americano de 2,3% em 2019 (contra 2,5% em setembro), reduziu as projeções de inflação de 2% para 1,9% e não alterou a projeção da taxa de desemprego, mantendo-a em 3,5%. Esses números indicam uma expectativa de 2 aumentos de juros no ano que vem, em vez de 3. Por fim, a economia norte-americana terminou o ano com a paralisação parcial do governo federal. O presidente, Donald Trump, não assinou o orçamento de 2019 devido à falta de acordo sobre a liberação de verba também incluir recursos para a construção de um muro com o México.

Na região europeia, o Banco Central Europeu (BCE) manteve os juros inalterados, e confirmou o encerramento do programa de compras de títulos, como esperado. A autoridade monetária reafirmou o plano de manter os juros nos atuais níveis pelo menos até outubro de 2019, mas reconheceu que os dados econômicos estão mais fracos do que o esperado.

Ainda, a região terminou o ano cheia de desafios. Na Itália, apesar de o governo ter aprovado a lei orçamentária de 2019 de acordo com o estabelecido pela União Europeia, a situação econômica do país ainda merece atenção. O governo italiano segue querendo mais espaço para gastos, provocando pressão financeira em toda a zona do euro. A situação se agravou, ainda mais, com uma onda de protestos que atingiram a França neste final de ano. A crise no governo de Emmanuel Macron fez com que fossem apresentadas medidas para apaziguar a população, que ameaçam pressionar a dívida pública francesa.

Por fim, o acordo Brexit, que prevê a saída do Reino Unido da União Europeia, terminou o ano com um impasse. Apesar de a ministra Theresa May ter conseguido manter sua posição de liderança frente às negociações, o acordo preliminar parece não ter chances de ser aprovado no Parlamento. Outro problema é o de que a Comissão Europeia garantiu que não negociará quaisquer alterações no acordo inicial.

Na China, os dados econômicos para o mês de novembro decepcionaram. Tanto as vendas no varejo, quanto a produção industrial, ficaram abaixo da expectativa de mercado. As vendas no varejo aumentaram 8,1% no mês em relação ao mesmo período do ano anterior, desacelerando de um ganho de 8,6% em outubro. O valor ficou abaixo do esperado pelo mercado (8,8%). Já a produção industrial subiu 5,4% em novembro ante o ano anterior, mostrando desaceleração frente a outubro (5,9%) e abaixo da expectativa de mercado (5,9%). Os investimentos em ativos fixos subiram 5,9% no período de janeiro a novembro, em relação ao mesmo período do ano anterior. Em outubro, esse valor havia sido de 5,7%.